

O papa de todas as fés

# COMEÇA O “pré-conclave”

CARDEAIS DÃO INÍCIO A REUNIÕES INFORMAIS, NO VATICANO, PARA DISCUTIR O NOME DO FUTURO OCUPANTE DO TRONO DE SÃO PEDRO. A EXPECTATIVA É QUE O NOVO PONTÍFICE SEJA UM CONCILIADOR

» PALOMA OLIVETO

À véspera do funeral do papa Francisco, cardeais que escolherão o próximo pontífice começaram uma série de reuniões informais na preparação para o conclave, período em que, trancados na Capela Sistina da Basílica de São Pedro, votarão em um nome até que a fumaça branca da chaminé anuncie que *Habemus papam*. Os religiosos que já se manifestaram sobre o processo eleitoral concordam que o perfil do novo ocupante do trono de São Pedro deve ser unificador, agradando tanto os mais progressistas quanto os conservadores.

Ainda não há data para o início do conclave, que só pode começar quando os 135 cardeais votantes — aqueles com menos de 80 anos — chegarem ao Vaticano. Segundo a Constituição Apostólica *Universi Dominici Gregis*, que rege o processo, a votação deve ocorrer entre 15 e 20 dias após a morte do papa. O prazo pode ser antecipado, caso todos os eleitores cheguem antes disso, e a data que vem sendo apontada pela mídia italiana é entre 5 e 6 de maio.

A missão de escolher um novo líder após os 12 anos de pontificado de Francisco — um papa amado por muitos, mas que enfrentou forte oposição dentro da própria Igreja — não será fácil. O cardeal luxemburguês Jean-Claude Hollerich, que já está no Vaticano, confiou aos repórteres que está apreensivo. “Nós nos sentimos muito pequenos. Devemos tomar decisões para toda a Igreja, então rezem por nós”, afirmou o jesuíta, um próximo conselheiro de Francisco.

## Responsabilidade

Na opinião do cardeal franco-espanhol François-Xavier Bustillo, os cardeais não devem ser “táticos ou estratégicos”. “Devemos servir e agir com responsabilidade”, disse, citado pela agência de notícias France Presse (AFP). Já o conservador Gerhard Müller, um confesso opositor de Francisco, foi menos diplomático. Em entrevista ao jornal britânico *The Times*, disse que a Igreja Católica corre o risco de cisma, caso um papa progressista seja eleito novamente. “A questão não é entre conservadores e liberais, mas entre ortodoxia e heresia”, declarou o cardeal alemão.



Soldado da Guarda Suíça reverencia cardeais no Vaticano: votação para a escolha do sucessor do papa deve ocorrer a partir de 5 de maio



Oscar Rodríguez Maradiaga, cardeal de Honduras, tem mais de 80 anos e não pode voltar. Porém, disse ao jornal italiano *La Stampa* que espera alguém simples e humilde. “Um pontífice que mina as lutas de poder dentro da igreja, que continua sendo uma referência de paz no mundo.”

Para Kim Haines-Eitzen, professora de estudos religiosos da Universidade de Cornell, nos Estados Unidos, o posicionamento do futuro papa em relação a questões políticas, sociais e morais é um ponto-chave do conclave. “O papa Francisco foi um defensor incansável dos

“Devemos servir e agir com responsabilidade”

François-Xavier Bustillo, cardeal franco-espanhol

vulneráveis e dos marginalizados, incluindo os migrantes. Seus esforços para incluir as vozes das mulheres e expandir sua liderança remontam aos primórdios da história da Igreja”, aponta. “A questão agora é se o próximo papa seguirá os passos progressistas de Francisco.”

## Sinodalidade

Professor de história e especialista em catolicismo, o norte-americano John T. McGreevy, da Universidade de Notre Dame, acredita que o próximo papa dará continuidade a um conceito bastante usado por Francisco, o da sinodalidade. Segundo a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), o termo se refere ao espírito de unidade do povo cristão, para que todos caminhem juntos. “Francisco iniciou, por meio do processo de sinodalidade, uma nova maneira de os católicos falarem sobre as questões que os dividem ou sobre os novos desafios”, diz. “O impacto desse mecanismo é incerto; mas parece improvável que seja totalmente interrompido.”

Dos 135 cardeais votantes, 80% foram nomeados por Francisco, que priorizou países do Sul Global e regiões isoladas. “Ele nomeou um grande número de cardeais

## EU acho...



“Há grande especulação sobre quem, do Colégio Cardinalício, pode ser o próximo papa. Atualmente, há 252 cardeais no total, vindos de uma ampla gama de países, incluindo, é claro, a Itália. Eles variam muito em suas ideias sobre a direção futura da Igreja Católica, desde o cardeal liberal Luis Tagle, Pró-Prefeito do Dicastério para a Evangelização. Atualmente, 12 dos 22 cardeais mais importantes são considerados nos círculos do Vaticano como papabili, ou seja, sérios candidatos a papa por não serem muito velhos e possuírem as qualidades de liderança adequadas. Dado o crescimento e a vitalidade do catolicismo nos países em desenvolvimento, em comparação com o declínio do cristianismo no Ocidente, é provável que o próximo papa venha da África. Ele pode vir da Europa, embora, como o catolicismo é uma religião global, haja um desejo de garantir que o papado (com sede na Cidade do Vaticano) não se torne muito eurocêntrico. Como Francisco I é da Argentina, é improvável que haja um papa sul-americano duas vezes consecutivas.”

Rebecca Rist, professora de história medieval da Universidade de Reading, na Austrália

diversos, então é estatisticamente provável que alguém com sua abertura possa ser eleito”, destaca Michele Dillon, professora de Sociologia da Universidade de New Hampshire, nos Estados Unidos, especialista em catolicismo.

## Conexão diplomática



por Silvio Queiroz  
silvioqueiroz.df@gmail.com

# O Vaticano e o mundo multipolar

A semana começa sob o impacto da partida do papa Francisco e das expectativas pela sucessão no Trono de Pedro. Embora tenha o corpo diplomático regular mais antigo da história, a Igreja Católica já não exerce, sobre assuntos seculares, a influência de que chegou a desfrutar em épocas passadas.

Ainda assim, a personalidade do pontífice argentino cativou simpatias para além do rebanho e projetou a sombra do Vaticano no debate de temas como, notadamente, a migração. O perfil pessoal e as posições do eleito pelo conclave determinarão, em boa medida, o papel que a Santa Sé poderá desempenhar em uma conjuntura marcada por conflitos e disputas que colocam o mundo no momento talvez mais perigoso desde o fim da Segunda Guerra, há 80 anos.

## Santo de casa

Na condição de primeiro latino-americano a comandar a Santa Sé, o argentino Jorge Bergoglio foi o pivô de um

movimento de alcance histórico. Foi com os concursos da diplomacia vaticana que Barack Obama e Raúl Castro reataram, em 2015, as relações rompidas meio século antes entre EUA e Cuba.

O processo de aproximação retrocedeu no primeiro mandato de Trump e não dá sinais de retomar impulso — menos ainda com o retorno do magnata à Casa Branca. Mas a presença das embaixadas abertas, em Washington e Havana, testemunha o pequeno milagre operado pelo “papa do fim do mundo” — como se apresentou aos fiéis, na Praça São Pedro, assim que saiu eleito do conclave de 2013.

## Santo de fora

Foi o polonês Karol Wojtyła, recém-sagrado como João Paulo II, em 1978, quem intercedeu na disputa entre Argentina e Chile pelo estratégico Canal de Beagle e evitou o que seria a primeira guerra sul-americana em décadas. A mediação papal conteve a

escalada entre os vizinhos — ambos, na época, sob ditadura militar — e resultou em um acordo de paz, firmado em 1984.

O “papa da Cortina de Ferro” desafiou também a máxima sobre a ineficácia dos “santos de casa”. Na virada para os anos 1980, apadrinou o levante operário em sua terra natal contra o regime pró-soviético e inspirou a resistência à invasão do país por tropas do Pacto de Varsóvia, réplica do bloco socialista do Leste Europeu à Otan.

No final da década, o líder do sindicato independente Solidariedade, Lech Walesa, metalúrgico dos estaleiros de Gdansk e fiel católico, se tornaria o primeiro presidente não comunista da Polónia no pós-guerra. E o pontífice estaria na linha de frente do processo que resultou na queda do Muro de Berlim, em 1989, e na vitória do Ocidente na Guerra Fria.

## Quantas divisões?

João Paulo II desafiou a clássica desfeita atribuída ao então líder

máximo da vitoriosa União Soviética, Josef Stalin, nas negociações entre os governantes das potências vitoriosas, em 1945. Diante da proposta do premiê britânico, Winston Churchill, para que o Vaticano fosse chamado à mesa, o senhor do Kremlin teria questionado, segundo relatos jamais confirmados historicamente: “Quantas divisões mesmo tem o papa?”

## Lançou mão

O suposto sarcasmo de Stalin resumiria a evolução de um processo do qual um momento crucial está registrado em tela exposta no Museu do Louvre. Ela retrata a coroação de Napoleão Bonaparte como imperador da França republicana, ainda na esteira da revolução de 1789.

Até então, era a Igreja Católica quem entronizava os monarcas no Velho Mundo. Mas o ambicioso general corso parece ter renunciado o conselho dado pelo rei português João VI, anos mais tarde, ao filho Pedro, que proclamaria em 1822 a independência do Brasil.

No quadro, Napoleão lança mão

da coroa, se antecipa à autoridade eclesial e a coloca ele mesmo sobre a cabeça.

## Calçou a sandália

Na despedida, como na chegada, Francisco parece encarnar, conscientemente, os dilemas vividos pela Igreja no seu tempo. O australiano Morris West ambienta no início dos anos 1960 o romance *As sandálias do pescador*. Nele, um bispo de origem soviética, recém-liberto e feito cardeal, ascende ao trono cercado por um mundo que parece às portas de uma guerra nuclear apocalíptica.

Depois de praticamente encenar passagens do romance, como uma inesquecível “escapada” solo e anônima pela capital italiana, no início do pontificado, o papa argentino se despede em cenário semelhante, com múltiplas áreas de crise e riscos evidentes para a paz mundial.

A exemplo do personagem da ficção, o jesuíta de alma franciscana resgata em sua trajetória um sentido político e temporal do trono pontifício em tempos de menos fé e mais pragmatismo.